

PALAVRAS RIMADAS, CORPOS EM CENA

Jonatha Vasconcelos Santos¹

O ensaio visual *Palavras rimadas e corpos em cena* é resultado de uma imersão etnográfica realizada entre os anos de 2016 e 2018 com o objetivo de compreender as diversas formas de performatizar a reivindicação do direito à cidade em Sergipe por jovens que promoviam ocupações culturais em espaços públicos. Nesse período, momento de transição entre uma pesquisa de dissertação (SANTOS, 2017) e o início do curso de doutorado em Sociologia, foi identificado, inicialmente em Aracaju que é a capital de Sergipe, um processo intenso de replicação das ocupações culturais. Em diversos pontos da capital e, posteriormente, no interior do estado, jovens utilizavam a ocupação cultural como um modus operandi para a reivindicação do direito à cidade. Entre os diversos perfis de jovens que mobilizaram esse repertório de ação coletiva estão aqueles que classificamos como *periféricos*, foco do presente ensaio. Os *periféricos* foram definidos como tal a partir do fato de que compartilham i) uma identidade mais ou menos homogênea e que pode ser identificada em seus gostos e estilos de vida, ii) são rotulados como periféricos pelos outros grupos analisados e iii) possuem uma experiência de vida na cidade comum que é o fato de residir em regiões periféricas.

Para além dos objetivos de pesquisa da tese em andamento que consiste em compreender as diferentes formas de performatizar e narrar a cidade a partir dessas experiências de mobilização, o interesse desse ensaio é o de apresentar uma reflexão visual acerca daquilo que um dos interlocutores chamou da “periferia como estado de cultura”.

As palavras e os corpos ritmados, o rap como sonoridade predominante, as escolas públicas, as quadras em praças a céu aberto e as tatuagens com suas formas que se aproximam dos pixos. As batalhas de break que acompanhavam uma disputa entre os corpos cheios de desenvoltura, mas com suas peculiaridades, e todos em avaliação. Em jogo, o prestígio entre os pares. As batalhas não eram só entre corpos, eram e são também de palavras. Nesse caso, a capacidade de rimar, transmitir uma mensagem ou reflexão previamente determinada e atender as regras igualmente já estabelecidas, eleva um deles ao status de vencedor. De modo explícito, esse ensaio visual objetiva pensar essas duas dimensões que foi possível perceber entre os *periféricos*. O estado de cultura ao qual meu interlocutor – uma liderança considerada como um precursor do hip-hop em Sergipe – aqui pode ser identificado como uma cultura de expressão corporal e percepção de mundo.

Essa cultura é corporal na medida em que os corpos em questão são, ao mesmo tempo, apropriados pelos jovens para expressar uma cultura autoidentificada como periférica e também percebido pelos seus diferentes como tal. Em outras ocupações culturais, por exemplo, essa diferença estética – e que também se projeta no corpo, na gestualidade e nos diferentes esquemas de percepção sobre a cidade – pode ser verificada nos jovens de classe média, com inserção universitária e que utilizam o rock e o punk rock como base cultural de suas performances. Nesses casos, as distinções não somente percebidas para o pesquisador que está inserido no campo, como elaborada e sustentada entre os grupos, atravessam não somente seus corpos, mas também seus endereços e suas origens sociais.

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe.

Além de uma expressividade corporal, esse “estado de cultura” tem sido responsável, não somente no âmbito das ocupações culturais, pela construção de uma gramática e percepção sobre a cidade. Nesse sentido, a ideia de “direito à cidade” se transforma em um signo que adquire diversos sentidos entre os diferentes grupos analisados. Os periféricos e as ocupações culturais fundamentadas em uma estética produzida nas regiões marginalizadas de Aracaju e região metropolitana trazem, em suas palavras rimadas, algumas dessas pistas sobre qual cidade enunciam e reivindicam. Essa cidade, certamente, não é a mesma dos jovens residentes na zona enobrecida da cidade.

Ao intitular esse ensaio de *Palavras rimadas e corpos em cena* busquei trazer, tanto pelo recurso da imagem quanto por esse breve escrito, algumas pistas de como esse “estado de cultura” que classifico – e que também é uma definição nativa – apresenta uma forma estética específica de reivindicação do direito à cidade. Um protesto que se expressa na escolha dos lugares utilizados, no corpo que se movimenta através da identificação com um complexo cultural específico e na palavra dita.

























SANTOS, Jonatha Vasconcelos. **“As manifestações de junho pra gente não acabou”**: um estudo sobre as formas de contestação no Coletivo Debaixo em Aracaju. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de Sergipe, 2017.